
D i v e r s o s

José Arouche de Toledo Rendon

1.º Director da Academia de Direito

Vicente de Paulo Vicente de Azevedo

Se a Historia é velho armario onde se guardam roupas que o espirito humano despí (Heine), parece a proposito tirar de quando em quando uma dessas fardas, saccudir o pó do tempo, e, espantando as traças do esquecimento, que róem sem cessar, mostral-a á juventude.

É desinteressado e nobre tratar do passado. Nada ha mais certo, além da morte; nada mais immutavel e irrevogavel. Seneca, reconhecendo que nem os deuses podiam destruil-o, disse: “na grande turba inconstante das cousas, só é certo aquillo que já passou”. E, se ás palavras repletas de sabedoria do philosopho nos é dado juntar “o sentir de uma mulher apaixonada de ideal”, havemos de reconhecer com a Baroneza de Krüdner: “As almas frias apenas têm memoria; as almas ternas, saudades; para ellas, o passado não é um morto, é um ausente. O passado é o melhor dos amigos”.

Ha uma cousa, porém, que sobre o passado tem poder fallaz e apparente, quanto mais não seja, em relação a nós, mortais. É o tempo, o iconoclasta infatigavel, o destruidor constante, o inimigo perenne das obras humanas.

Vamos ao nosso intento, sem mais digressões. Estamos na cidade de São Paulo, na primeira metade do seculo XVIII, em velho sobrado á travessa do Collegio, grande construcção cujas dependencias avançam sobre a rua do Rosario, hoje Quinze de Novembro. Temos diante de nós uma familia typicamente paulista: o mestre de campo Agostinho Delgado Arouche, D. Maria Thereza Lara de Araujo e seus onze filhos — quatro varões e sete mulheres. D. Agostinho bem como D. Maria Thereza, orgulhava-se de descender de Amador Bueno da Ribeira, nobre e sympathica figura da historia de São Paulo. Pres-tante cidadão, D. Agostinho Delgado Arouche occupou varios *cargos*

na governança da terra, como thesoureiro dos bens dos defuntos e ausentes, escrivão da ouvidoria geral etc., não que precisasse de ordenados para a subsistencia da numerosa familia, mas porque taes empregos eram considerados estimadas honrarias. Tambem não possuia avultados bens. As antigas familias de São Paulo rara vez ostentavam grandes fortunas. Notaveis pela austeridade de costumes e inteireza de character, timbravam em conservar a *limpeza* do sangue; tudo isso temperado pelas firmissimas convicções religiosas. Viviam em simplicidade quasi rustica, desprezando confortos justificaveis, como se foram luxos corruptores. Feijó, que era paulista, e bem paulista, tinha quando regente do Imperio, para o servir, uma unica escrava a quem concedia livres os domingos.

Dos onze filhos de D. Agostinho, os homens estudaram. Tres formaram-se em leis na Universidade de Coimbra: os doutores José Arouche de Toledo Rendon, Francisco Leandro de Toledo e Diogo de Toledo Lara Ordonhes. Um Padre: Francisco Joaquim de Toledo Arouche. As moças cresceram e embellezaram. Uma casou com o Coronel Antonio Leite Pereira da Gama Lobo. As outras envelheceram e foram tias velhas, gordas e ricas. Teriam pertencido á famosa estirpe das doceiras paulistas, de sávida memoria, cuja ultima representante morreu, levando para o tumulo segredos sem preço. Não será descuroso conhecer o nome dos onze irmãos, por ordem do nascimento: 1.º — José; 2.º — Francisco Leandro; 3.º — Diogo; 4.º — D. Caetana Antonia de Toledo Lara e Moraes; 5.º — D. Gertrudes Genebra de Toledo Rendon Freire; 6.º — D. Joaquina Luiza Delgado de Toledo e Lima; 7.º — D. Pulcheria Leocadia Domitila Ordonhes; 8.º — D. Anna Thereza de Araujo de Toledo; 9.º — D. Maria Rosa de Toledo Rendon; 10.º — D. Reduzinda Arouche de Toledo Lara; 11.º — Padre Francisco Joaquim. As meninas tiveram o appellido de *Meninas da Casa verde*, não pela casa que habitavam na cidade, mas em allusão á propriedade agricola que ficava entre o O' e Sant'Anna. Mais tarde foram as *Velhinhas da Casa verde*. Tudo passa... Ficou o bairro da *Casa Verde*.

Os filhos de D. Agostinho, irmãos de José Arouche, honraram o nome que traziam. O Padre Francisco Joaquim foi Conego da Sé, sempre respeitado por suas virtudes. O Conselheiro Doutor Diogo de Toledo Lara Ordonhes, Deputado á 1.ª constituinte brasileira, teve o titulo de Alcaide da Villa de Paranaguá, sendo admittido em 1795 socio da Academia Real de Sciencias de Lisboa. A sua figura de naturalista e ornitologo indigena, injustamente esquecida, pô-la ultimamente em relevo o Dr. Affonso D'E. Taunay. Grande esmoler (a caridade era virtude innata na familia) doou á Santa Casa, para patrimonio de uma casa de expostos, a fazenda do Lambedor, no Rio

Pardo, districto de Mogy-Mirim. Vendida em 1825, alcançou o preço de 5 contos, elevada somma para a época.

Nasceu José Arouche de Toledo Rendon na cidade de São Paulo, aos 14 de Março de 1756. Os Rendons vêm de longe. Constituem os troncos da familia os irmãos fidalgos hespanhóes — D. João Mathews Rendon e D. Francisco Rendon Quevedo, que passaram ao Brasil em 1625, militando na armada hespanhola vinda em soccorro da Bahia hostilizada pelos Hollandezes. Casaram com duas filhas de Amador Bueno, o *acclamado*, e tomaram parte saliente no movimento de 1640, promovido pelos Hespanhoes e povo da cidade, com o fim de coroar Amador Bueno rei de São Paulo. José Arouche, neto destes fidalgos, delles não descende, todavia, em linha recta masculina. Foi buscar o patronymico á sua bis-avó paterna — D. Angela de Siqueira Rendon.

Onde estudou as primeiras letras? Em 1822 havia duas escolas primarias em São Paulo: uma do Governo e outra particular. Dirigia ésta o mestre José Antunes, que “era entrevado, e vivia sentado numa cama, da qual regia a escola, servindo-se para chamar á ordem os alumnos, de uma longa vara de marmello com uma bola de cera na ponta. Eram formidaveis as caroladas que elle com grande destreza vibrava com tal vara”. (Dr. Francisco de A. Vieira Bueno, *Autobiographia*, pag. 5). Desde época anterior á Independencia funcionavam as aulas publicas de latim, rethorica e philosophia.

José Arouche estudou talvez a lingua de Cicero com o famoso latinista João Homem; rethorica e philosophia — com Frei Mont’Alverne, quando ainda não vulgarizadas as theorias de Kant, que José Bonifacio e Martim Francisco aprenderam na Allemanha e divulgaram em São Paulo. Mais tarde, no Rio de Janeiro, Mont’Alverne costumava dizer que só duas pessoas entendiam Kant: elle e o Visconde de Cayrú. Mudam os tempos, e com elles tudo muda! Latim, rethorica e philosophia já se não aprendem nos dias de hoje. “Comquanto (diz um chronista de então) o estudo de taes disciplinas não baste para fazer sabios, educa o espirito”. Assim é que vemos paulistas notaveis, gloriosos nomes na historia do Brasil, formarem-se, sem nunca deixar a provincia natal: Feijó, o 1.º Paula Souza, e tantos outros.

Aos 18 annos, em 1774 partio José Arouche para Coimbra, lér canones e leis na Universidade. Fêl-o com grande proveito para seu claro espirito e recebeu o gráo de doutor a 3 de Julho de 1779. No Museu do Ypiranga, em sala de manuscriptos organizada ultimamente, pelo actual director, encontra-se um fragmento do diario escripto por José Arouche em seu tempo de estudante. Contra toda especta-

tiva, não apresenta grande interesse, por tratar o estudante de factos comezinhos occorridos na Universidade, ou em Coimbra.

De regresso á Patria, não querendo seguir a magistratura, dedicou-se á advocacia, tendo então sobejamente manifestado solidos conhecimentos juridicos. Por occasião da reorganização das milicias provinciaes, na primeira decada do seculo XIX, ou pouco depois, assentou praça de capitão aggregado ao 1.º Regimento de Infantaria. Não é facil calcular o estado em que estavam as tropas. Luccok descreve horrorizado a escolta que acompanhava a traquitana de D. João VI. Meia duzia de soldados montados em magrissimas cavalgadas, umas cegas, outras mancas; a farda azul desbotada e remendada; sem meias nem collete; calçando botas que pareciam irmãs das do judeu errante. Taes as tropas da Côrte! Que seriam as da provincia?

Mas José Arouche não recuava diante de difficuldades. Estudou a tactica militar, a organização dos exercitos e, soldado novato, foi nomeado coronel de seu regimento. Abrio em sua casa uma aula particular em que leccionava graciosamente os officiaes inferiores, instruindo-os nas praticas de infantaria e cavallaria e, prevalecendo-se de seu posto, organizou continuas manobras.

Galgou os mais altos postos da hierarchia militar, marechal de campo e, finalmente, tenente general. Em 1822 foi deputado pela Camara de São Paulo, afim de pedir ao Principe Regente que ficasse no Brasil. Voltou nomeado commandante d'armas da provincia. Entrando em S. Paulo, em Julho de 1822, com ordem de occupar militarmente a praça, preferio renunciar o commando, dizendo: "Eu não quero ser o Madeira de minha provincia!" Quasi contemporaneamente, como militar, prestou serviços á causa da Independencia. Neste ponto, estou quasi a abandonar o rigor da historia, para entrar no campo vasto e facil das conjecturas. A collaboraçãõ de José Arouche não pôde ter sido de character puramente militar. Espirito liberal, intelligente e adiantado, inconcebivel é que assistisse de braços cruzados aos trabalhos preliminares da Independencia.

Installando-se em 1823 a Assembléa Constituinte, nella representou sua Provincia, e participou das discussões relativas á criação de universidades brasileiras. O golpe de Estado e consequente dissolução da Assembléa verificou-se 7 dias após a approvaçãõ do projecto que criava duas Universidades no Brasil. Depois dessa tentativa, e outras delongas, appareceu enfim a lei de 11 de Agosto de 1827, referendada pelo santista Visconde de São Leopoldo, Ministro da Justiça. Realisava-se a velha e justa aspiraçãõ: estavam criados os cursos juridicos de São Paulo e Olinda. Aos 12 de Outubro do mesmo anno appareceu o decreto que nomeava o primeiro Director,

e o primeiro lente da Faculdade de Direito de São Paulo — os Drs. José Arouche de Toledo Rendon e José Maria de Avellar Brotero.

A essa nomeação tinha José Arouche um quasi direito.

Quando o povo do Rio de Janeiro accendeu luminarias e soltou fogos para festejar a elevação do Brasil a Reino (1815), os commerciantes reuniram capital cujos rendimentos seriam destinados a um estabelecimento de instrucção publica. Resolução approvada pelo aviso de 5 de Março de 1816, posto que sómente na Assembléa Constituinte se tornasse ao assumpto. E foi José Arouche o Deputado que se levantou e propoz se applicasse o capital na criação de uma Universidade em sua cidade natal. Ao novo Director da Academia não faltava a experiencia que trazem os annos. Completava 72 em Março de 1828. Quatro annos antes, renunciou á cadeira de Deputado Geral, allegando motivos de saúde. Tratava-se de molestia que a diplomacia conhece, e a medicina não cura... Já septuagenario, ia accrescentar ao acervo de seus serviços — de colonizador de indios, organizador de Exercitos, legislador de instrucção publica, provedor da Santa Casa, agricultor de chá, provedor da Irmandade do Santissimo Sacramento — seu mais glorioso titulo — Director, verdadeiro fundador da Faculdade de Direito de São Paulo, instituição que lhe deve a melhor parte do antigo renome. Immediato resultado do esforço de José Arouche foi a inauguração do Curso Juridico, seis mezes após a lei de 11 de Agosto. O de Olinda só tres mezes mais tarde entrou a funcionar.

São Paulo — *quantum mutatus!* — era uma cidadezinha de 12 a 15.000 habitantes. Apresentaria em breve certa semelhança com as cidades universitarias hespanholas, segundo o testemunho de viajantes europeus. Installou-se o Curso Juridico no Convento de São Francisco, *interinamente*, dizem os documentos da época. Interinidade que dura um seculo, e, querendo Deus, ha de durar muitos.

A inauguração das Faculdades de Direito é um marco da emancipação intellectual do Brasil. O facto em si causou grande alvoroço na população paulista, e Frei Joaquim de Santa Delphina levou as mãos á cabeça, ao saber que a presença de saias femininas ia profanar as lages do Convento, rompendo a clausura por occasião da festa. Queixou-se — que remedio? — ao Bispo, despachando logo minucioso officio, no qual appellava para a autoridade de canones, bullas e encyclicas. Verificou-se a inauguração solenne no dia 1.º de Março de 1828, com grande concurso de povo, presença do Conselheiro Thomaz Xavier Garcia de Almeida, Presidente da Provincia, o Bispo Diocesano D. Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade, autoridades civis, militares, e, apezar do protesto do frei-guardião, nume-

rosas senhoras. O *clou* da festa foi um immenso discurso do lente Brotero, discurso de que o “Pharol Paulistano” publica um *resumo*.

Como primeiro Director, o General Rendon lutou com difficuldades maiores que qualquer outro. Eram as rugas com o Dr. Balthazar Lisboa, filho do Visconde de Cayrú, velho, doente, impertinentissimo. As discordias provocadas pelo Dr. Brotero, o famoso vezeiro das synalephas, chistosamente denominadas: broteradas. Enormes elogios costumam prodigalizar-lhe; não os negarei, posto me pareça indigesta a sua erudição, e só encontre motivo para encomios em seus quarenta annos de serviços; ou na sua moralidade, justamente apreciada em época, digamos, de grandes travessuras... Suas distrações eram pasmosas. Descrevendo u’a manhã de Abril, dizia com toda a emphase: “Os passarinhos pastavam no campo; o gado, alegremente saltitava de galho em galho, trinando melodias”. Certa vez chegou á Academia contando que ao atravessar o rio vira dous homens — *pinguellando na pescuella*... Luctava Rendon com a falta de lentes para o preenchimento das cadeiras, ou substituição dos que se retiravam para cargos de eleição. A tal ponto, que o Director, por mais de uma vez, propoz que alumnos da Faculdade leccionassem materias já estudadas.

Um dos propostos foi o Padre Vicente Pires da Motta, posteriormente lente, e Director da Academia durante quasi vinte annos.

O Dr. Almeida Nogueira accentúa a falta de professores, a que não minorava o remedio proposto, porque não encontrou sympathia por parte do Ministro. Mas não explana os motivos. Encontram-se estes no *Relatorio apresentado á Assembléa Geral Legislativa*, na sessão ordinaria de 1834, pelo Ministro do Imperio, Antonio Pinto Chichorro da Gama, pags. 8 e 9: “Os pequenos ordenados que percebem os lentes de taes estabelecimentos (os Cursos Juridicos) não convidam a preferir este emprego á Magistratura, que, além de mais lucrativa hoje, hé d’esperanças muito mais lisongeiras em razão aos accessos que offerece, e naquelles se não encontram d’onde resulta”... etc... o mal conhecido. Os lentes proprietarios venciam o ordenado dos Desembargadores da Relação, isto é, 1:200\$000 annualmente. Os substitutos recebiam por anno 800\$000. O Secretario percebia 20\$000 e devia ser um dos substitutos.

Amenisêmos a narrativa transcrevendo trecho de um dos mais estimados chronistas da velha Paulicéa, que, aos noventa annos, teve a feliz inspiração de escrever a sua autobiographia. “No fim de 1832, dizendo-me elle (o padre Joaquim Gomes Monteiro) que eu podia fazer o meu exame de latim, e dando-me o competente attestado de habilitação, fiz o meu requerimento e em companhia de um collega, o fui despachar na chacara do director da Academia. O director era

o Tenente General José Arouche de Toledo Rendon, um dos mais illustres d'entre os antigos fidalgos paulistas.

Apresentou-se elle trajando um pitoresco “robe de chambre” de côres vivas e de cabelleira empoada, munida do competente rabicho com laçadas de fita preta, e nos recebeu com ar prazenteiro. Ainda não havia pennas de aço e quando elle lançava os despachos na sala vizinha ouviamos a penna de ganso ranger sobre o papel, provocando a hilaridade de meu risonho companheiro. Fiz bom exame obtendo aprovação plena”. (Dr. F. A. Vieira Bueno, op. cit. pags. 8 e 9).

Morava o Dr. Rendon em uma grande chacara proxima ao actual largo do Arouche, na Villa Buarque. Ao contrário, do que se pensa, não foi o General Rendon quem doou á Camara Municipal o terreno transformado mais tarde em lindo largo. Foram suas irmãs, as quaes doaram tambem o terreno do Jardim Publico, mandado construir pelo Presidente da Provincia Lucas Antonio Monteiro de Barros, em 1825, tendo sido o General Rendon seu 1.º director; bem como o chão destinado ao Hospital Militar, predio que passou a servir de Seminario das Educandas, dando o nome á rua. O largo do Arouche assim se chamou por não haver sobrenome commum a todas as irmãs do General. O que não era cabivel é, por exemplo, chamar-se Largo das Meninas da casa verde...

Em relação á mocidade, não sómente na Academia se desenvolvia a benefica acção do General Rendon.

Affavel, cortez e hospitaleiro, realizava em casa serões litterarios a que compareciam lentes e estudantes. Bastava que um moço se distinguisse pela applicação ou talento, para que logo fôsse convidado a frequentar-lhe a residencia. Ahi o germen das sociedades academicas que tanto haviam de florescer em São Paulo. Quando se escrever a historia completa da fundação dos Cursos Juridicos, far-se-á justiça ao grande brasileiro, cujo nome avultará sempre entre os mais dedicados pioneiros da instrucção publica.

José Arouche de Toledo Rendon tinha a curiosidade fecunda dos homens superiores. Na primeira decada do seculo 19, seus prestimos foram aproveitados para a direcção das aldeias de indios pelo General Manoel de Mello Castro Mendonça. Escreveu então uma memoria sobre a civilização dos indigenas, memoria que, sendo publicada logo após a Independencia, encontra-se no vol. 4.º da Revista do Instituto Historico Brasileiro, com o titulo: “Memoria sobre as aldeias de indios da provincia de São Paulo”. Persuadido das vantagens que para o Brasil traria o desenvolvimento das industrias, foi um dos principaes accionistas da fabrica de ferro de São João do Ipanema, para onde fez varias viagens. Tentou estabelecer em São Paulo uma fabrica de tecidos de algodão, construindo a casa das machinas em

seus terrenos, defronte da chacara. Não vingou a tentativa. Sabe-se que os primeiros teares mecanicos vindos para o Brasil foram importados, posteriormente, pelo Coronel Antonio Lopes de Oliveira, fazendeiro em Sorocaba. A mesma sorte, porém, não teve a cultura de chá, que foi, em tempo, importante fonte de riqueza para esta provincia, graças exclusivamente á pertinacia do General Rendon. Em pequena escala, promovida por D. João VI, existia no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, uma plantação de chá, e alguns colonos chinezes que Linhares fizera vir de Macau. Alli foi José Arouche pessoalmente aprender o plantio do chá e, ao mesmo tempo, receber sementes. Todavia, ou porque os chins não se prestassem a transmittir a sua sciencia, ou por qualquer outra razão, não deram resultado as primeiras experiencias. Com a constancia de grande emprehendedor, o General estudou a materia e, com auxilio do Snr. Francisco Pinto do Rego Freitas, chegou a preparar chá tão bom como o chinez.

Desenvolveu-se a cultura principalmente em Sorocaba e Ytú. Em São Paulo os maiores productores eram o General Rendon, o Padre Diogo Feijó, Coronel Anastacio de Freitas Trancoso, e Sargento-mór José Manoel da Luz. Reproduzo uma observação do Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, interessante hoje que o café é a maior fonte de renda do paiz: "...êsta provincia já produz algumas centenas de arrobas para o consumo e exportação, e em breve tornar-se-á a mais rica produção da provincia". O chá era vendido a tostão o cartuxo, e servia talvez, como em Portugal, de remedio contra dôr de barriga; não podemos garantir se o consumo era grande.

Mais generoso do que os filhos do Celeste Imperio, José Arouche ensinava o cultivo e fornecia sementes a quantos o desejassem.

Publicou uma *Pequena memoria da plantação e cultura do chá; sua preparação até ficar em estado de entrar no commercio*; Rio de Janeiro, 1833 in 8.º. Esta obra foi republicada em 1841 pela Assembléa Provincial de São Paulo. De sua lavra, existe tambem um estudo de direito constitucional que seria destinado a compendio da 1.ª cadeira do curso juridico.

Durante 6 annos exerceu José Arouche o cargo de provedor da Santa Casa de Misericordia e, nessa qualidade, construiu o edificio destinado a substituir a antiga Chacara dos Inglezes. Em beneficio dos estabelecimentos de caridade a cargo daquella confraria, cedia o ordenado de Director da escola de direito.

A familia de José Arouche de Toledo Rendon está a reclamar um instante de nossa attenção. Casou-se com D. Maria Thereza Rodrigues de Moraes. Antes do casamento houve um filho e uma filha: Diogo Arouche de Moraes Lara e D. Maria Benedicta.

Perde-se na vasta collecção da Revista do Instituto Historio a memoria que deve perpetuar, cercada de louvores, a historia curta e simples de um heróe quasi desconhecido.

Diogo Arouche de Moraes Lara, Capitão de infantaria da Legião de São Paulo, tão proficuos serviços prestou nas guerras do Sul, assignaladamente na campanha de 1816, que recebeu aos vinte e nove annos, como recompensa, o posto de Tenente Coronel do regimento de todos os Guaranyes. O mesmo volume do Instituto Historico, porém, que publica a *Memoria da Campanha de 1816*, em que se esboça uma aptidão de historiographo, encerra tambem, traçada por J. J. Machado de Oliveira, breve noticia sobre o autor, tombado no campo da honra, em plena juventude, offerecendo á patria o supremo holocausto duma vida em botão. Invadindo o *Poso de S. Nicolau*, sem apparente opposição, marchava galhardo e destemido á frente dos batalhões portuguezes, quando o inimigo, que simulára ter evacuado a cidade, rompeu em fortes descargas, victimando o Tenente Coronel Diogo Arouche, que mal teve tempo de abraçar seu Commandante.

D. Maria Benedicta casou-se com o Dr. Prudencio Giraldes Tavares da Veiga Cabral, cuyabano, lente da Faculdade. Ahi vai a historia desse casamento. O Conselheiro Cabral não detestava as saias, como pensam alguns. Todavia, era inimigo de casamentos, e nisto estava de accôrdo com muita gente bôa. Resolveu, entretanto, unir-se em matrimonio, e a *victima* a quem elle mais tarde podia chamar: *Mlle. Marie, ma femme*, foi D. Benedicta. Resam as chronicas que o Conselheiro tão profundamente se arrependeu, mal se viu preso pelos *laços que Amor arma brandamente* que, estando já a noiva no leito nupcial, começou elle a percorrer o quarto, em largas passadas, a arrancar os cabellos e a gritar: *Cabral, Cabral, que fizeste, Cabral? estás louco? Cabral, tu te casaste!* A pobre moça pensou que o marido realmente endoidecêra e fugio para a casa de seu pai. E Maria Benedicta e seu quasi marido, morreram solteiros.

*
*
*

O tenente-general doutor José Arouche de Toledo Rendon viu a 23 de agosto de 1833 attendidos seus insistentes pedidos de demissão do cargo de Director da Academia. Menos de um anno depois, aos 78 de idade, cercado de respeito e consideração dos contemporaneos, fallecia na mesma cidade que o viu nascer. Sendo, na ordem chronologica, o primeiro dos Directores da Academia, occupa tambem um dos primeiros lugares entre os notaveis brasileiros que se encontraram á frente do secular estabelecimento.

Tiral-o do esquecimento em que jaz, recordar que é credor da admiração da mocidade estudiosa, é prestar, por éstas linhas mal traçadas, homenagem ao grande paulista estrenuo servidor da patria.
São Paulo, Março de 1918.

BIBLIOGRAPHIA

Rev. do Inst. Historico e Geographico Brasileiro, vol. 5, pags. 491 e segs. Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel.

— Rev. do Instituto Historico e Geographico de São Paulo, tomo X — Recordações historicas. — Desapropriações em 1820 pags. 220 a 296 — Dr. Antonio de Toledo Piza.

— Tradições e Reminiscencias — Dr. Almeida Nogueira, 9 volumes.

— Chronologia Paulista — Jacyntho Ribeiro, vol. 1.º, pags. 311 e seguintes.

— Autobiographia do Dr. Francisco de Assis Vieira Bueno, Campinas 1899, Typ. do Livro Azul.

— Primeiro Relatorio da Santa Casa de Misericordia de São Paulo, 1875.

— Plano do Campo do Quaray, com o projecto da defesa, etc., 1817.

— Plano da batalha de Catalã, ganhada no dia 4 de janeiro de 1817 — ineditos manuscriptos existentes na Bibliotheca Nacional, e apontados no catalogo da Exposição de Historia do Brasil — 1881 — t. 1.º, pag. 975.

N. da R. — Respeitada a ortografia do autor.